

Raça, consumo e hierarquias sociais em uma escola profissional do Rio de Janeiro

José Augusto da Conceição Pereira

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/Instituto de Psicologia/Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - PPGPS.

²Grupo de Estudos sobre Novas Tendências Sociais - GENTES, Av. Visconde de Rio Branco, 305, sala 707, Centro - Niterói, Rio de Janeiro, CEP.:
, joseaugustopsicossocial@gmail.com

Resumo- Como se vem organizando as fronteiras e hierarquias sociais no Rio de Janeiro, nos últimos cinquenta anos? Suspeitamos que, presentemente, na sociedade brasileira, a *cor* – a que se associa a idéia de raça – vem perdendo importância como demarcador social para o *gosto*, dimensão subjetiva do consumo, reveladora do pertencimento sócio-econômico e ideológico dos sujeitos. Por este motivo vimos desenvolvendo uma pesquisa a qual procura analisar as *fronteiras* psicossociais existentes entre os *grupos étnicos estratificados*, presentes na cidade do Rio de Janeiro. Aqui apresentamos alguns dos resultados obtidos a partir do procedimento de campo.

Palavras-chave: raça, consumo, fronteira, psicologia social

Área do Conhecimento: Psicologia Social

Introdução

Em uma pesquisa de base bibliográfica, que realizamos anteriormente, sobre as representações sociais de raça e etnia no imaginário social brasileiro, observamos que, ao longo do processo de substituição da ordem aristocrático-ruralista pela ordem burguês-industrial, desenvolveu-se uma vontade geral de aquisição de um *modus vivendi* típico burguês que se confundia com a idéia de modernização do país. A isto chamamos de *ideal burguês* e entendendo-o como o signifiante central da neurose coletiva em que se constituiria o problema étnico-racial no Brasil, concluímos (1) que o imaginário social brasileiro tem representado a burguesia como uma etnia e não como uma classe e (2) que a segregação torna-se a pena para aqueles que deliberada ou inocentemente, de alguma forma, se oponham ou se distanciem do paradigma burguês.

Estas conclusões, contudo, se nos mostravam problemáticas porque, para além de admitir, de modo explícito, a possibilidade da burguesia ser – mesmo que apenas no plano do inconsciente – algo diferente daquilo que as Ciências Sociais já haviam consagrado, afirmavam, subliminarmente – sem qualquer base de dados empíricos – que as fronteiras entre a população branca e a população negra tendem a se afrouxar à medida que cresce o número de negros a exteriorizar sinais diacríticos de pertencimento à burguesia.

Diante disto nos vimos impelidos a promover um novo estudo, desta feita em campo, com foco na questão étnica, com o propósito de colher

dados concretos com os quais pudéssemos por à prova aquelas nossas próprias conclusões.

São os dados preliminares deste novo estudo o trazemos aqui. Confrontando-os com as teorias de Fredrik Barth sobre fronteiras étnicas (nosso referencial metodológico) e Norbert Elias sobre estigmatização (nosso referencial teórico).

Metodologia

Os 8.511.965 km² que tem o Brasil, nos recomendavam reduzir a unidade de análise a uma dimensão tal que tornasse factível o trabalho de campo. Por inúmeros motivos, elegemos para tanto a cidade do Rio de Janeiro.

De outro lado, para que averiguássemos a hipótese de que a assimilação da população negra por parte dos brancos dependia sobremaneira da aculturação (burguesa) daquela, precisávamos contrastar dados quantitativos e, muito especialmente, dados qualitativos de diferentes épocas, de modo a nos ser possível verificar alguma sorte de *mudança social*. Por isso, a falta de uma série histórica apropriada, elegemos nosso paradigma o relatório que Luiz de Aguiar Costa Pinto elaborou como parte integrante do afamado Projeto UNESCO e que publicou, em 1954, sob a forma de um livro intitulado *O negro no Rio de Janeiro: uma sociedade em mudança*.

Como *locus da investigação*, escolhemos uma tradicional instituição particular de educação profissional e como amostra uma de suas turmas do curso de gastronomia. O que se explica pela

Dado haveremos optado por nos valer da técnica da observação participante – o que nos obrigava a assistir as aulas – elegemos a turma do

curso de gastronomia nossa amostra, considerando (1) a nossa pessoal simpatia pelo assunto; (2) o fato de se tratar – segundo dados do Ministério da Educação – da área de maior crescimento em número de alunos, em todo Brasil; e (3) a compatibilidade de nossos horários com aquele em que o curso era oferecido.

Resultados

A turma observada foi mapeada, na tabela 1, em termos de faixa etária, cor e sexo, tendo se verificado contar com 27 alunos, dos quais 15 são mulheres e 12 são homens – respectivamente 55,5% e 44,4%. Os brancos são 70,3% do alunado, enquanto os negros são 25,9% e os vermelhos 3,7%. Do total, 25,9% conta com menos de 30 anos de idade; 22,2% tem idade entre 30 e 39 anos; 33,3%, idade entre 40 e 49 anos e 18,5%, idade igual ou maior que 50 anos. Os negros representam 57,14% dos alunos situados na faixa etária entre 20 a 29 anos. Os brancos são absolutos na faixa dos 50 a 59. Trata-se, portanto, de uma turma madura cuja quase totalidade se encontra na chamada meia-idade. Dado que se vê espelhado no número de alunos em situação de desemprego: 04, isto é, 14,8% da turma e no número de pessoas cuja única atividade é a de estudante: 02, ou seja, 7,4% desta.

Tabela 1 - Alunos, por faixa etária, cor e sexo

Faixa etária	Branco		Negro		Vermelho	
	M	F	M	F	M	F
20 - 29	02	01	01	03	–	–
30 - 39	02	03	–	–	–	01
40 - 49	02	04	01	02	–	–
50 - 59	04	01	–	–	–	–

Localizada em um subúrbio distante 30min do centro da cidade Rio de Janeiro, a escola encontra-se instalada em um complexo de três edifícios que têm, cada qual, saída para uma rua diferente, mas que se comunicam por um pátio interno, sob o qual se encontra uma garagem.

Sua entrada principal se localiza a poucos metros da entrada de uma estação ferroviária, o que significa dizer, não apenas, ser servido por este meio de transporte como também que tem lugar à frente de uma reta que se estende das imediações da Praça da Bandeira, (região central), ao bairro de Santa Cruz, na Zona Oeste (extremo oposto) da cidade. Enquanto a entrada atrás desta se encontra em outra reta que conduz ao Centro e à região da Grande Tijuca.

Esta geografia privilegiada lhe garante, além do serviço de trens, uma grande diversidade de linhas de ônibus e a soma de todas estas facilidades, entre as quais se incluiu seu estacionamento, atraindo gente de lugares os mais diferentes, como demonstra a Tabela 2.

Tabela 2- Residência, por cor e sexo

Localidades	Branco		Negros		Verm.	
	M	F	M	F	M	F
Rio Zona Norte	07	03	02	–	–	01
Rio Zona Sul	02	01	–	02	–	–
Região Metropolitana Baixada	–	–	–	02	–	–
Região Metropolitana Gde. Niterói	–	02	–	–	–	–
Região Serrana	–	02	–	–	–	–
Região Norte Fluminense	–	–	–	01	–	–
Outros Estados	01	01	–	–	–	–

Contudo, se a geografia favorece o acesso, o nível instrucional o restringe, à medida que se exige escolaridade média, completa, como qualificação mínima para a admissão do aluno.

Como resultado, a discrepância não verificada entre homens e mulheres; brancos, negros e vermelhos no que toca seus domicílios, se revela, com toda clareza, neste item da escolaridade. Aí, conforme demonstra a Tabela 3, se vê refletido na composição da turma o desequilíbrio histórico que há, no Brasil, em relação à escolarização dos gêneros e seus diferentes grupos fenotípicos.

Apenas 37% dos alunos possuem nível instrucional superior.

Tabela 3- Nível instrucional, por cor e sexo

Instrução	Branco		Negro		Vermelho	
	M	F	M	F	M	F
Médio	05	06	01	04	–	01
Superior	05	03	01	01	–	–

Esta tabela também nos permite verificar que, em relação ao total de alunos, os brancos são 29,9% dos possuidores de instrução superior; os negros 7,4%; não havendo nenhum vermelho. Entre os alunos brancos são 42,1% os

possuidores de curso superior; ao passo que entre os negros são apenas 28,5%.

A análise por gênero revela que 22,2% dos homens são possuidores de instrução superior, enquanto as mulheres contam pouco mais da metade deste número, isto é, 14,81%. Combinando-se gênero e cor, são possuidores de título superior 50% dos homens brancos e 50% dos homens negros, ao passo que são apenas 33,3% das mulheres brancas e 25% das mulheres negras.

Ao preço de pouco mais de um salário mínimo por mês e com duração de 18 meses, o valor total deste curso beira os R\$ 9.000,00; constituindo, então, fronteira suficiente às classes proletárias, como parece demonstrar a Tabela 4.

Tabela 4- Atividade econômica, por cor e sexo

Atividades	Branco		Negro		Verm.	
	M	F	M	F	M	F
Advogado	01	–	–	–	–	–
Aposentado	01	01	–	–	–	–
Comerciante	02	01	–	–	–	–
Contabilista	–	01	–	01	–	–
Cozinheiro	–	01	–	01	–	–
Desempregado	01	02	–	–	–	01
Doméstica	–	01	–	01	–	–
Enfermeiro	–	02	–	–	–	–
Estudante	01	–	01	–	–	–
Ignorado	02	–	–	–	–	–
Instrumentador Cirúrgico	–	–	–	01	–	–
Médico	–	–	–	01	–	–
Publicitário	01	–	–	–	–	–
Odontólogo	01	–	–	–	–	–
Serventuário de Justiça	–	–	01	–	–	–

A coleta dos dados foi facilitada por um ritual que se repete na aula inaugural de cada disciplina: trata-se da apresentação dos alunos; ocasião em que cada um informa alguns de seus dados pessoais, inclusive profissão e diz o motivo que o levou a procurar o curso. Neste sentido, entre os aposentados 01 apontou seu gosto pela culinária enquanto a outra disse buscar lazer e renda. As 02 cozinheiras e a comerciante (de alimentos) afirmaram perseguir o aprimoramento profissional; enquanto as 02 domésticas evidenciaram perseguir ascensão sócio-profissional e os 02 estudantes, a definição de suas carreiras profissionais. Os 04 desempregados e o

advogado demonstraram estar em busca de se realocarem no mercado. A médica afirmou estar a procura de uma compensação para o *stress* de sua atividade profissional. A instrumentadora cirúrgica se disse sugestionada por colegas de profissão os quais teriam reconhecido seu talento culinário e lhe recomendado à mudança profissional. Porém os demais 12 revelaram-se em busca da realização profissional, afirmando, unanimemente, insatisfeitos ora com ambiente, ora com as condições de trabalho das carreiras que desenvolveram.

Observamos, outrossim, que apesar de os alunos verbalizarem a necessidade de se compor grupos de trabalho sempre com colegas diferentes, de modo que possam interagir mais, se conhecer melhor e evitar a formação de “panelinhas”, há uma sutil segmentação da turma, em ao menos 04 grupos.

O grupo (a), com 06 integrantes, que se destaca por reunir todas as mulheres mais jovens dos dois diferentes grupos de cor. O grupo (b), com 04 integrantes, que se destaca tanto por apresentar o maior percentual de possuidores de educação superior, 75%, quanto por ter todos os integrantes em uma única faixa etária. O grupo (c), com 07 integrantes, que se destaca tanto por ser integrado de elementos pertencentes a um único grupo fenotípico, o branco, quanto por reunir o maior número de integrantes já qualificados na área gastronômica. E, por fim, o grupo (d), com 10 integrantes, que se destaca por ser o maior em número absoluto; por apresentar a maior diversidade em termos de cor, gênero e idade; e por reunir os alunos que, a despeito de manter excelentes relações com seus colegas, não se alinham a nenhum dos outros grupos.

Contudo, embora se constate a predominância de um gênero no grupo (a), de uma faixa etária no grupo (b) e de um fenótipo no grupo (c), nada indica que sexo, idade ou cor tenham sido as determinantes da formação destes grupos. Ao contrário, há sinais de que na formação de cada grupo operam, ao mesmo tempo, distintos elementos de afinidade, com destaque para as expectativas profissionais, como também para as afetivas.

Conforme a tabela 4 evidencia, havia disparidades financeiras entre os alunos da turma. Estas ganhavam maior evidência nas atividades extra-classe, como almoços, passeios e viagens. No entanto, doações, empréstimos ou rateios feitos pelos próprios alunos mais abastados em favor dos menos favorecidos foram expedientes sistematicamente utilizados, sem qualquer expressão de pieguismo, porém, como modo de manter a integração do grupo.

Em 06 meses de observação, verificamos inúmeros conflitos entre a turma e integrantes do corpo docente, ou entre aquela e a administração

da instituição. Nunca entre seus próprios componentes.

Discussão

Estudando a sociodinâmica da estigmatização, Elias (2000) notou que o poder do grupo hegemônico (o qual denominou grupo *estabelecido*) é proporcional ao grau de coesão de seus membros; por isso erigem barreiras emocionais contra os membros do grupo não-hegemônico (designado grupo *outsider*), atribuindo a este grupo, como um todo, as características “ruins” verificadas entre os “piores *outsiders*”; enquanto modelam a auto-imagem do grupo *estabelecido* pelo que tem de exemplar, isto é, a minoria de seus melhores membros.

Ainda segundo Elias, o propósito do grupo *estabelecido* é defender suas “tradições comunitárias”, por meio da evitação dos *outsiders* os quais, por não observarem as normas e tabus coletivos do grupo estabelecido, põem em risco o status de cada um dos membros do grupo *estabelecido*, à medida que é precisamente o acatamento destas normas e tabus o que confere o respeito próprio, o orgulho e a identidade como membro do grupo superior.

Por Barth (2000) defende a idéia de que os grupos étnicos são “categorias atributivas e identificadoras empregadas pelos próprios atores”, cuja característica reside em “organizar as interações entre as pessoas”; bem assim, que em havendo grupos étnicos os quais controlem os meios de produção utilizados por outros, haverá entre eles uma relação de desigualdade e estratificação.

Os atributos étnicos são, seguramente, os elementos constitutivos dos tais tabus e normas em que se baseiam “tradições comunitárias” de que trata Elias. De outro lado, a idéia de grupos étnicos estratificados abre caminho para a aceitação de nosso argumento quanto à representação social da burguesia como etnia.

Conclusão

Nosso estudo de campo nos permitiu verificar a inexistência de qualquer sorte de tensão entre grupos interfenotípicos. De outro lado, constatamos que a turma era integrada de sujeitos todos, de alguma forma, pertencentes à burguesia, embora de condições sócio econômicas distintas.

Neste caso, é preciso que se esclareça, por exemplo, que embora os trabalhadores domésticos desempenhem, em rgra, funções típicas das classes proletárias, eles são os que mais diretamente contatam com a burguesia e os que, para além dos próprios burgueses, até mesmo por ofício, melhor conhecem os códigos sociais deste segmento. Por isso se pode afirmar

que, etnicamente falando, a amostra se caracterizava por reunir apenas burgueses.

Esta por nós constatada, contrasta com o quadro vivenciado e por Costa Pinto, em seu relatório. Isto se explica de duas maneiras. A primeira respeita as circunstâncias históricas da década de 50. Um tempo em que as mudanças estruturais realizadas pela política getulista começariam a se tornar evidentes e a produzir consequências mais efetivas. E neste sentido, no plano das relações interfenotípicas, sua meta de integração nacional, se revelaria na apropriação do lema da democracia racial – até então defendido por militantes do movimento social negro e luminares da academia. pelos a discurso acadêmico – e na conseqüente varredura do espaço público e, posteriormente do espaço privado, do pensamento e de ações lastreadas nas teorias do racismo.

É possível afirmar, sem sombra de dúvidas, que Costa Pinto ao dizer das *relações de raças numa sociedade em mudança*, o fez poquer, como Cientista Social que era, vislumbrou com maior clareza estas transformações.

A segunda e complementar explicação, considera três difrentes eventos: (1) a crescente escolarização da população negra e conseqüente aquisição dos valores burgueses; (2) a estetização burguesa da produção cultural das populações negras que – transformada, em patrimônio nacional, constituinte, portanto, da identidade de todos os grupos fenotípicos do país – agora, com status de *alta cultura*, se torna consumível pelos estratos médios e superior; e (3) pelo aumento de renda e riqueza destas populações, o que lhes facultou o acesso aos bens materiais e, sobretudo, aos bens imateriais comumente usufruídos pelo grupo fenotípico hegemônico.

Referências

- BARTH, F. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança, 2ª ed.. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- PEREIRA, J.A.C. Se o penhor dessa igualdade: raça e etnia no imaginário social brasileiro. 2003, 150p. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Direito) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2003.